

Baleia,
ocha e
o Mou-
Aldeia,
ada edi-
is almas
! Toma
pela fir-
ajude.
e novos

TRAN-

Sá da
Luan-
que de
de Ja-
gabana.
Warwick
SUL:

endes

te) ou
as pes-
ue não

cional.
co em-
a diná-
soal e
ito nu-
a ultra-
salva-

vo ge-
de tra-
acolhe-
nexplo-

a gen-
r sem-
na cru-
do ho-
escla-
pela
s suas
e eco-
neces-
ade de
ão da
r seus
indús-
rar-se-
feitas
colec-

Como
outros
muito
no bru-
s seus
er me-
borear
?, etc.,
que se

olhar
ncreto.
cama-
nas do
rega-
para
la pre-

nificar
mesmo
ritório

cílio

e Sousa



O Gaiato

AVENÇA

15 de Março de 1975 * Ano XXXII — N.º 809 — Preço 2

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

RENDER da guarda

Cumprindo o n.º 58 das NORMAS DE VIDA dos padres da rua, aprovadas em 1965 pelos Bispos que, então, tinham sacerdotes seus ao serviço da Obra da Rua e pelos que A tinham (e têm) ao serviço da Igreja nas suas dioceses, foi eleito por todos os padres e ratificada a eleição pelo Prelado que especialmente assiste a Obra (o do Porto), o padre que A há-de orientar no próximo quinquénio.

Cabe a Padre Luiz, que ao longo destes doze anos passados tem vindo a perder a vida em nossa Casa do Tojal, certo de que, no teor do Evangelho, assim se ganha a Vida para muitos — cabe a Padre Luiz, dizia, esta pesada porção da cruz que todos os obreiros devem levar no decorrer da missão específica a que fomos chamados.

A vinda de mais um padre (como noutra lugar se noticia) permite que o primeiro Responsável deixe o encargo directo de uma Casa a fim de estar mais disponível para o serviço de todas. Ficará assim a Obra mais assistida, as Casas mais coordenadas, tantos problemas de todas na expectativa de uma resposta mais eficiente. Tarefa penosa para quem em vida de incessante caminhar terá assim maior oportunidade de identificação com o Mestre, que não tinha morada certa nem poiso Seu onde reclinar a cabeça.

Nesta hora de render a guarda, que todos nós, obreiros de dentro — Rapazes, Senhoras e Padres — apoiados por «aquela imensa e anónima legião de Amigos que, com seu amor, seus sacrifícios, suas orações, sua partilha, ajudam os obreiros de dentro a realizar a Obra» — que todos sentimos o renovo da vocação a que um dia fomos chamados e a que quotidianamente temos de re-aderir em esforço de purificação do ideal, de rectificação dos nossos actos, de superação pela Fé daquela aflicção em que seremos «queimados interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Padre Carlos

Vamos, pois, continuar todos...

— A mudança do nome do timoneiro da Obra e, por mor disto, do primeiro responsável de «O Gaiato», não importa nem significa mudança de orientação. Aceitando o imprevisto da escolha como expressão da vontade de Deus, vamos apenas continuar o nosso trabalho, se possível mais unidos e empenhados na tarefa a que todos fomos chamados, a família de dentro e a família de fora, a quem saudamos particularmente nesta hora. O resto é puro acidente.

— Fiéis ao espírito de Pai Américo, quer dizer que ao Evangelho, à Igreja e aos Pobres, numa caminhada que antevemos sem termo neste mundo. Atentos à voz da Hierarquia e aos clamores dos mais esquecidos ou vítimas

dos desvarios dos homens, mormente das Crianças e dos Doentes abandonados ou em situações equivalentes, dos Desabrigados ou alvo das injustiças, sem auto-suficiência mas ciosos da nossa independência, repelindo a demagogia fácil ou atitudes menos evangélicas, querendo a todos e a todos respeitando. Eis o nosso programa, que é o da primeira hora, sem repúdio, todavia, dos ajustamentos ou renovações que as circunstâncias e os tempos aconselharem. Vamos, pois, continuar todos a tarefa apaixonante de amar, enquanto aguardamos esperançosos que outros se nos juntem.

Padre Luiz

Podia mesmo dizer dois, que na mesma hora, à beira do mesmo Altar, das mãos do mesmo Bispo, nasceram sacerdotes para sempre: Padre Abel e Padre Moura, o primeiro já da Obra e o segundo prometido para breve.

Porém, desabituaados da fartura, vamos agora dar graças pela vinda de Padre Abel e guardaremos o regozijo que Padre Moura nos proporcionará quando vier. Para já é uma esperança, um alento. Quem dera no horizonte deparássemos já outra esperança animando as forças decrescentes dos que, por mais anos de serviço e mais idade, se vão, naturalmente, desgastando. Não vemos com os olhos da cara, mas vemos com os da Fé, Luz que ilumina muito mais longe e nos garante que o Senhor proverá este cantinho da Sua Messe quando julgar oportuno. Pois se nEle confiámos sempre a certeza do nosso pão, como desconfiar a respeito de outros valores mais altos?! Pois se a Obra é d'Ele e Ele o único que pode fazer de uma pedra um filho de Abraão — em quem havíamos nós de esperar?! Mas a carne intromete-se e ver é tão bom, mesmo quando vemos pela Fé!

Padre Abel veio. Foi Deus que no-lo trouxe. Nada de humano o faria prever. Mas o Senhor escolhe quem quer e marca os que escolheu. É duro recalçar, infinitamente mais duro do que deixar tudo aquilo que se poderia legitimamente possuir do que o mundo tem para ofe-

Obra da Rua: a diocese de mego. E a Obra da Rua, mais da Igreja, de Quem nasce e a Quem se não cansa de amar Mãe. Mãe e Mestre, no mundo, de tantos sábios e pouca sabedoria!

Padre Carlos



recer. É Ele e Ele só que atirá o fogo de uma paixão autêntica — a que se ordena segundo as linhas da Paixão de Cristo. Pode ser por uma pessoa, pode ser por uma causa... — mas nenhuma paixão é verdadeiramente sem a disposição de quem ama ao sacrifício pelo objecto amado. Diminuir para crescer quem ou o que se ama. Morrer para que haja vida em abundância, qual semente ignorada que tem na morte a afirmação da sua fecundidade.

Quem relampeja esta ideia?... Quem provoca esta atracção?... Quem pode desencadear no homem a força capaz de vencer todas as inércias que o povoam e o encandeiam e de que só a morte o liberta definitivamente e de que só a disposição para muitas mortes o vai libertando progressivamente enquanto viver?

Padre Abel veio. Padre Moura virá. Foi Deus quem os trouxe. Outros há-de trazer pelo tempo fora, enquanto for conveniente ao homem o exercício desta vocação que deu a Pai Américo.

Por eles, mais uma porção da Igreja fica comprometida na

O «DOCTRINA»

Não vem um dia ao mundo que não apareçam requisições ávidos Leitores do espólio raro de Pai Américo!

Em dias úteis, são cartas postais que chegam e livros muitos livros, que partem por CTT.

Aos domingos, no caso particular de Paço de Sousa, são procurados na mesa dos nossos cicerones, junto às portas das casa-mãe.

Como última recitação, «DOCTRINA» continua a ser na ordem do dia. Vamos calar a boca e respirar, monte de correspondência, se a nossa secretária, alguns livros que são preciosos documentos que ilustram as páginas do «Famoso».

Não é epistolografia. São documentos d'alma. São rendilhados, floreados ou listados. São o que são: testemunhos válidos de quem vive, pensa com os olhos no Céu, tem firmes os pés na terra.

Aí vão tais quais — sem mentários:

Continua na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

A VOZ DOS NOVOS — De que valerem as guerras em África, se agora tudo deixou de nos pertencer, por meio de honrosas assinaturas e tratados?

De que valerem os gritos de milhares de soldados: «Angola é nossa», etc., etc.?

E quantos deram a vida, lutando por um Portugal melhor? Quantos?!

E porquê se agora perdemos tudo?...

Tais assinaturas e tratados deram início a uma nova vida a Portugal e aos portugueses. Perspectivas para uma vida mais livre; mais fácil e mais harmoniosa. Trouxeram o fim a muitas mais perdas de vida; a mais desgostos e rostos lavados de lágrimas de dor.

Agora depende de nós, portugueses, que Portugal seja melhor ou pior. Está nas nossas mãos o prestígio ou desprestígio de Portugal.

Para isso temos a liberdade de escolher um entre vários partidos. Um partido que seja para o bem de todos. Um partido socialmente democrático, que não oprima o Povo.

Sim!, depende de nós o bem de nós próprios.

Mas... quantos são os que nada sabem de um partido? Quantos?!

Muitos votarão neste ou naquele partido porque o seu colega lhes incita a votar...!

Levados por essa onda de ignorância, eles votarão nesse partido que, embora não seja ao seu critério, é ao critério desse seu colega que eles tomam por mais experiente.

E se esse partido vencer?

E se esse partido existir só para viver do parasitismo?

É bom que haja sessões de esclarecimento, para o bem de muitos portugueses. Que essas sessões esclareçam o que de bem nos trouxe o 25 de Abril de 1974; que nos esclareçam qual o partido que melhor convém a um país como o nosso, mas que não nos incitem a votar neste ou naquele partido; que nos esclareçam quais as vantagens de cada partido, etc. etc.

Só assim Portugal será um país totalmente livre; um país consciente de seus deveres; um país socialmente democrático.

As eleições aproximam-se. O teu voto pode ser uma das pedras fundamentais deste Portugal em reconstrução.

Vota e não esqueças: o voto é a arma do Povo!

total

PECUÁRIA — Os inúmeros amigos que várias vezes visitaram a vacaria desta Casa, tiveram ocasião de admirar as 14 vacas que ali existiam. Eram na verdade 14. Mas a soma do constante aumento das farinhas e da subida de ordenados, subtraída ao valor do leite, era suficiente para verificarmos que esta exploração não nos trazia proveito. Deste modo, das 14 restam agora só três. As outras foram vendidas.

A criação de suínos sempre ocupou um lugar de importância para a

nossa Comunidade. Presentemente, as pocilgas são já pequenas para conterem todos os porcos.

Os números não devem interessar, mas para que saibam são 33, estando prevista para breve uma remessa de leitões, pois temos três porcos prestes a dar à luz.

AVICULTURA — As galinhas poedeiras que fazem parte do nosso aviário, estão agora no seu período de descanso. Embora elas não sejam muitas, uma vez por outra, têm-se abastecido algumas.

O mesmo se pode dizer dos patos, que ainda são bastantes.

No nosso congelador há sempre carne de galinha, de pato ou de porco, para o consumo diário, nas refeições de toda a Comunidade.

Graças a Deus não é só «feijão e batatas»...

TORRADEIRAS — Pediu-me o cozinheiro, que vos falasse nesta necessidade. Diz ele que «havia algumas, mas o serviço era intenso, de tal maneira que acabaram por se estragar todas».

Algum dos leitores, que tantos pedidos têm satisfeito, é capaz de atender o nosso cozinheiro?

CALÇADO — O calçado é uma das maiores necessidades desta Casa. Embora nos dêem bastantes sapatos, o certo é que eles faltam. E sobretudo nas medidas compreendidas entre os números 30 e 36.

Todos os sapatos que nos possam oferecer terão utilidade.

Jorge

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PATRIMÓNIO DOS POBRES — As primeiras moradias do Património dos Pobres há 23 anos que servem carências habitacionais dos Pobres de Paço de Sousa. Elas que foram luzes de milhares construídas em Portugal...

As belas casas de granito, estruturalmente perfeitas, são — e serão — pousos e aconchegos de muitos.

Ao longo de duas décadas muitos felizes ocupantes já seguiram para o Céu. Eles são fermento que produz fruto; sobretudo na alma dos que se debruçam, conscientemente, não importa onde nem como, na solução do problema primeiro da nossa Pátria: uma moradia para cada família portuguesa.

O sr. José da Toca, velho que sofre mazela cancerosa numa perna e mal se pode mexer, quanto mais ser rendeiro duma quinta..., com a nossa ajuda, e a anuência do senhorio, denunciou o contrato, pois claro. E vai terminar seus dias, com a nossa partilha e o subsídio-reforma da Casa do Povo, instalado numa casa do Património dos Pobres. É sua!

Debaixo do tecto, o nosso homem chorou de alegria! «Se não fosse isto tudo... já teria morrido!» — disse, a chorar. «Já teria morrido!» — repetiu.

Seria humano, cristão, fazer esperar estes homens — como por aí se diz quase à boca cheia!! — por reformas de estruturas?!... São tantas, infelizmente, as formas de alienação! A cegueira de homens que vendem o seu peixe-alienante, consciente ou inconscientemente — porque têm a barriga cheia e nunca sofreram as agruras da miséria...

O nosso dar a mão, apesar de remendo, não é esmola; nem produto da bondade burguesa. É uma acusação... implícita num acto de Justiça Social — da Igreja, serva de Pobres e Oprimidos.

Estamos a reportar-nos à recentíssima história das primeiras casas do Património dos Pobres. Casos que passam pelas nossas mãos, numa localidade onde há mais de dez moradias da Obra...

O certo é que, no mercado local da habitação, encontrar casa vaga é «achar uma agulha no palheiro», por 500\$, 750\$ ou até 1.000\$ mensais!! Por isso mesmo é que a mulher do Adelino — quando, há dias,

lhe entregámos farto embrulho de roupa para cobrir os cachopos — nos implorou, com as mãos ambas, a chave de uma casa; uma das maiores, é claro.

Entretanto, vagou uma das mais pequenas. Agora, sabe Deus como!, motivamos o sr. Agostinho a fazer companhia ao sr. Albino, para dar o tecto à família do Adelino. Mas há escolhos que nos roubam tempo, paciência, eficácia.

Enfim, hoje, como há 23 anos, o Património dos Pobres continua a ser abrigo de muitos! Não falando, já, no dar a mão a muitos Auto-construtores...

CONTAS — Fechámos, oportunamente, as contas movimentadas em 1974.

Foi um ano record!

Acudimos a muita gente — com os mais diversos auxílios: domiciliário, 42.345\$80; doença, 4.765\$10; habitação, 33.697\$50 — com robusta ajuda do Património dos Pobres;

Conto

Há muitos anos, num país onde a fome imperava como arma letal, vivia um rapaz pobre que passava os dias a sonhar com um prato de comida, fosse ela de qualquer espécie, o que era preciso era que o saciasse.

E todos os dias, como paliativo, esse rapaz sonhava que em casa de seus pais não faltava nada e que podia banquetear-se com as melhores iguarias e que ao saborear semelhantes pitéus, não esquecia o infortúnio de tantas crianças que definhavam com fome.

...E pensava em repartir com os que nada tinham, dar-lhes um pouco da sua fortuna. E falou a seus pais, pediu-lhes que o deixassem convidar os Pobres a comungar da sua abundância. Os pais, indiferentes ao seu pedido sublime, disseram não. O rapaz ficou triste com a avaria dos pais e, inconformado, começou a pen-

sar na maneira de os enganar e, assim, atenuar a dor dos que nada tinham para comer.

Arranjou uma saca que levava escondida para as refeições e, sempre que podia, deixava para dentro dela o melhor que havia na mesa. E estava sempre ansioso que a refeição terminasse para ir distribuir o produto da sua colheita. E ao ver a alegria com que as crianças e suas famílias o recebiam, pensava como seria melhor o mundo se todos os homens se dispusessem a dar aos mais carecidos o que lhes sobra. Se ao sentarem-se à mesa para a refeição, todos os homens se lembrassem que ainda há muita gente a morrer de fome, que esperam ansiosamente as suas sobras; se não estragassem o que faz falta a povos subdesenvolvidos e se dispusessem a distribuir — a felicidade seria uma realidade.

Conselho Central da S. S. V. Paulo, 1.810\$80; outros, 315\$80.

O que tudo somado dá 82.935\$00! Esta, a despesa. A receita sai à luz, escrupulosamente, discretamente, quase sempre de quinze em quinze dias. E passou dos noventa contos, incluindo os «pequenos auxílios» do Património dos Pobres.

Só nos resta dar graças a Deus.

RECEBEMOS — Da assinante 2750 de Lisboa, 100\$00. Maria Emília, de Guimarães, metade. Santa Eulália, 300\$00. Marco dos Pereiros, Coimbra, 500\$00. Comenda, o dobro, «para uma das muitas necessidades». Assinante 1295, da Foz do Douro, 50\$00. Ainda do Porto, R. Álvaro Castellos, 40\$00. Mais 100\$00 de Beatriz, Lisboa. Mais 100\$00 de Lisboa, Rua Alexandre Herculano. Simpatiquíssima oferta da assinante 16659. Maria Júlia, da capital, com presença para Auto-Construção. E, finalmente, coube aos nossos Pobres 700\$00 de contas arrumadas por uma assinante de Fermentões, com destino «às necessidades mais urgentes da Conferência». Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

malanje

FESTAS — Passaram-se as festas. O Natal foi alegre assim como a passagem de ano; mas, ainda mais alegre foi o casamento do Júlio!

No dia vinte fez-se o presépio que

Se se lembrassem que a fome é o maior flagelo e das maiores preocupações do mundo actual; que morrem diariamente milhares de pessoas de fome, talvez nossos olhos não ficassem horrorizados com as imagens dos Bangla Desch a contrastarem com as imagens da sociedade de consumo...

E o rapaz sonhava... sonhava, com receio de acordar...

JOLIVER



RETALHOS DE VIDA

O Cereja



Sou natural de Vila do Conde, onde nasci em 10 de Novembro de 1958.

Estive em Vila do Conde até aos 10 anos com a minha avó e a minha mãe. O meu pai tratava-nos muito mal e mais tarde fugiu de nós.

Somos três irmãos, dois rapazes e uma rapariga. Eu e o meu irmão estamos na Casa do Gaiato. E a minha irmã está com a minha mãe. A nossa mãe não nos podia sustentar. E, assim, arranjou-nos lugar e meteu-nos na Casa dos Pobres. Estivemos lá quatro anos.

Chegou um dia que nós nunca esperávamos; vir para a Casa do Gaiato. O sr. Pe. Carlos foi à Casa dos Pobres buscar-nos a mim e ao meu irmão e mais uns rapazes.

Começámos logo por ser da lenha e sempre por af fora. Já fui vendedor de «O Gaiato», mas saí da venda por causa da batotice.

Depois frequentei cá a Escola Primária e mais tarde fiz o segundo ano do Ciclo Preparatório TV. Deram-me oportunidade de escolher uma oficina. Escolhi a tipografia de que gosto muito e espero seguir esta arte quando for para fora.

Vou-me despedir de todos os Leitores de «O Gaiato», pois não tenho mais nada para vos dizer. Um abraço deste vosso amigo.

José Augusto Lopes Cereja



A festa mais alegre — o casamento do Júlio e Joaquina.

se ter tudo pronto ao meio-dia.

A esta hora entrámos para a Capela onde o Júlio e a Joaquina perante o Bispo da nossa Diocese — D. André Muaca — e a Comunidade, deram o sim um ao outro. Pouco tempo depois, fora da Capela, tiraram as fotografias habituais que lhes servirão de lembrança para toda a vida.

A seguir, toda a gente foi para o refeitório, onde decorreu o «copo d'água».

Juntámo-nos à mesa onde comemos e bebemos até não querer mais e nessa altura começou o nosso conjunto a tocar para se dançar.

A festa prolongou-se e às oito da noite estava pouca mais gente que os nossos Rapazes, que continuaram a divertir-se até às dez da noite.

Cronista X



GRATOS — A casa 4 de cima preparou, como habitualmente, o seu presépio com a colaboração de todos os que habitam esta moradia.

Com um dinheirito que se foi economizando de domingo para domingo, realizou-se uma agradável festa para todas estas oriações.

Foram 30 a participarem naquele dia 25 de Janeiro.

Agora, alguns deles irão contar como a festa decorreu.

Prestem atenção:

Julgo que ainda se lembram de mim, o «Praganas», aquele que escreveu um artigo acerca da praia e dos acontecimentos do 2.º turno.

Agora, encontro-me junto de vós para contar como se passou uma festa realizada em minha casa, entre todos os que lá moram mais o sr. Padre Carlos.

Ora durante a época do Natal o nosso presépio rendeu em dinheiro à volta de 600\$00 que os srs. visitantes punham de quando em vez. Assim comprou-se 7 belíssimos jogos, uma bola e 3 caixas de sortidos.

O Germano, nosso sub-chefe, foi o que se encarregou das compras num fim de semana no Porto.

Quando chegou à noite rodeámos-lo, fazendo uma festa de alegria espontânea.

Depois, prosseguiu a grande noite com uma festinha que nos proporcionou imensa alegria.

E pronto, por hoje é tudo. Agradeço isto tudo aos srs. visitantes com um forte abraço meu e dos meus chefes.

«Praganas»

Queridos leitores, pela segunda vez vos escrevo e, mando esta pequena quadra:

Eu quero agradecer-vos o dinheiro que foi posto no presépio da minha casa e que serviu para comprar uns jogos, que deu alegria a todos, a nós e aos nossos chefes — «Fidalgo» e Germano.

Despeço-me com muitos beijinhos e abraços deste vosso amigo

Torres

O dia 25 de Janeiro foi para nós um dia muito especial.

Na casa 4 de cima fizemos uma agradável festa com um dinheiro que o nosso presépio rendeu.

Comprámos muitos jogos e coisas boas que nos souberam muito bem.

Para este dia convidámos o sr. Padre Carlos que deu bastante ânimo, prolongando mais a nossa festa.

Para terminar, agradeço a todos os visitantes que nos proporcionaram esta festinha. Vai também um muito obrigado para uma senhora do Porto que nos ofereceu alguns jogos bem bons.

Um abraço para todos os leitores que neste momento nos lêem.

«Rouxinol»

Queremos agradecer-lhes o dinheiro que nos deram no presépio, pelo Natal. No total foram 600\$00.

Pois fizemos uma grande festa com os nossos chefes Manuel e Germano.

O «Doutrina»

Cont. da PRIMEIRA página

Lisboa:

«Pelo correio de hoje segue um vale que se destina à assinatura de «O Gaiato» e do livro «Doutrina».

Possuo todas as obras mas se formar 3 ou 4 colecções não faz mal.

Já tenho netos e eles hão-de um dia ler tais livros, saboreando a sua franqueza e, sei lá, toda a sua amenidade ao mesmo tempo.»

Porto:

«Sou uma vossa leitora (minha mãe é assinante de «O Gaiato») há já alguns anos e gosto muito de vocês. Desculpem-se neste momento não posso dispor de muito tempo para conversar convosco, pelo que me vou limitar a expor o que me levou a escrever: desejo apenas que me enviem o «Doutrina» de Pai Américo e se possível antes do fim do mês. Decerto esta minha exigência parecer-vos-á muito estranha e impertinente até, mas o que acontece é que desejava oferecer esse livro a uma colega amiga e penso oferecer-lhe um livro muito bom, como aliás tudo o que é escrito por Pai Américo. O que ele escreveu levava-nos sempre a debruçar sobre problemas reais e concretos, de vidas autênticas muito próximas de nós e isso é muito bom, porquanto nos obriga a reflectir sobre a cruz de tantos irmãos que têm absolutamente o mesmo direito à felicidade que nós, que afinal nada fazemos que merecesse a graça de até agora nunca termos sabido o que é a miséria, a fome, o frio e a dor de não ter uma família a sério e normal como os outros, pois que ninguém, como dizia Pai Américo e nunca mais me esqueço, «pelo facto de ter perdido os pais não perdeu de maneira nenhuma o gosto de ser filho».

Por tudo isto e por muito mais, considero que oferecer a alguém uma obra do Pai Américo é levar esse alguém a operar em si pró-

prio uma revolução no seu espírito. É isso que preciso.

Provezende:

«Depois do muito que tenho dito, nada mais posso acrescentar, a não ser a minha concordância quando se procura ser em obras de Pai Américo mananciais de elevados ceitos morais e humanos.»

Lisboa:

«Só hoje acuso recepção de «Doutrina», do que peço desculpa.

Ainda não acabei de ler o livro, não só devido à falta de tempo mas especialmente ao facto do mesmo não poder ser lido à laia de romance.

A leitura de «O Gaiato», de há vinte e muitos anos, me tira o desejo de ler os livros como devem ser lidos. Antes ao contrário, pois o «Doutrina» de Pai Américo é directo, incisivo e não cansa.»

Portalegre:

«Acabo de ler o edificante livro «Doutrina». Gostaria de ter traduzido em palavras a pressão que ele me causou, apenas um desabafo: se não fossem todos os educadores sem a categoria de um Pai Américo, que consegue transformar a «crápula» em homens bons, honestos, não teríamos um Mundo Melhor?»

Porto:

«Obrigada pelo precioso livro que me enviastes — «Doutrina».

Já o li todo, mas estou a ler, agora muito devagar. A primeira leitura foi curiosidade, esta segunda é para regalar a alma.

Lamento não ter muito dinheiro para comprar muitos «Doutrina» e oferecê-los a tantas pessoas que precisam dele...»

Júlio Mendes

faz imensas e demoradas viagens numa fria e solitária carrinha.

Quando se ausenta, viaja sozinho. Seja de noite ou de dia. Sozinho e tristemente inundado no silêncio.

Bem necessita de um rádio que adapte facilmente à nossa caravana «OM» de 20 lugares e por vezes rudes trabalhos.

A música pode substituir-lhe a falta de companhia tanto de noite como de dia. O trabalho renderá mais as viagens sempre se tornarem suaves e tranquilas.

Sem mais, aguardamos esperas a oferta amiga.

Manuel Amând

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA MOÇAMBIQUE

CASAMENTO — Como disse, de todas as festas a mais alegre foi a do casamento do Júlio, no dia 18 de Janeiro ao meio-dia, em nossa Casa.

Foi o segundo casamento de um Gaiato em nossa Casa, mas, desta vez, um Gaiato continuador.

O Júlio sempre se dedicou, com todas as suas forças, à nossa Obra e já está na Casa de Malanje há seis anos.

Para esta cerimónia fizeram-se os preparativos na véspera e conseguim-

UM PEDIDO — O Carlos, nosso condutor de todas as horas do dia,

Embora seja nosso propósito dar contas de tudo o que material nos vai chegando, contas verdadeiras na altura em que os homens tanto duvidam uns dos outros, nem sempre conseguimos ser pontuais neste nosso propósito. Mas os nossos livros de contas continuam abertos e à disposição.

Hoje, o que vos apresentamos, é dos últimos meses: os cem mais vinte mensais, já de há anos, entregues a vendedor de Coimbra; as prestações mensais de Coimbra, Luso, Covilhã, Almalaguês e Vilar Formoso; as cartas do Entroncamento; as lembranças das «Amiguitas Maria Helena e Maria Isabel» quase a fazerem as «bódas de prata»; a mão sempre estendida de vizinho conterrâneo; a visita do casal de Leiria, sempre muito amigo, com dinheiro, mimos e roupas; 5 dólares por alma do Pai.

Vieram dias de trabalho: um vizinho com 150\$, um dos nossos com 320\$, um grupo dos C. T. T. de Coimbra com 2.100\$, uma senhora das Caixas de Previdência de Coimbra com 252\$60, a firma J. Mendes com 780\$90, a Termec com 366\$70, um empregado bancário com 200\$, um trabalhador com 220\$30, Manuel Carvalho da

Tribuna de Coimbra

Lousã com 393\$70, Sindicato de Coimbra com 1.005\$, Reis & Simões com 475\$50, Caixa de Previdência do Pessoal da Indústria de Lisboa com 2.840\$, alguém muito amigo com 321\$70, um trabalhador com 150\$, Sindicato dos Empregados Bancários de Coimbra com 3.792\$80.

A presença dos que criámos e que agora, longe ou perto, com família constituída, nos acompanham na vida: um que veio da Figueira trazer bolos-rei, outro de Coimbra com bolos-rei e vinhos finos, outro com 200\$, outro com 500\$, outro com 900\$, outro que veio de Moçambique com 500\$, um no dia de seus anos com 500\$,

outro com cheque de 400\$ no aniversário dum filho, outro da Alemanha por banco, com 401\$80, outro do Brasil com 2.000\$.

Uma profunda nota de união interior é o encontro com curistas nas suas reuniões: cem, mais vinte, mais cem, mais mil e quinhentos de sacerdote, mais cem, mais cem, mais cem, mais vinte, mais vinte, mais vinte.

Vale de 1.000\$ de Alcobça; as cartas do Entroncamento; cheque de 500\$ e outro de 1.000\$ da Covilhã; cem dos filhos e 200\$ e azeite de Pais, da Lousã; 100\$, mais 232\$50 a vendedor de Tomar; 200\$ de Amigos do Fundão; 50\$ de Mangualde; as filhós e visita

de Amigos de Tomar; cheque de 500\$ de Castanheira de Pera; 100\$ de Fátima; 200\$, roupas e a visita de bom amigo da Covilhã; dois pequenos cheques de Mação; 50\$ de Aguda; 500\$ de S. Paulo do Brasil; 1.500\$ de sacerdote de conceito vizinho; a Senhora anónima nossa vizinha; 100\$ de Sines; 500\$ dos fiéis da Abruñeira, pelo seu Pároco; 1.000\$ na Figueira da Foz; 200\$ de S. Tiago de Riba Ul; 500\$ de mãe aflita de Lisboa; 2.140\$ de mãe da Lousã, por o filho regressar da tropa; 200\$ de Professor de Cabeceiras de Basto; 1.500\$ de Professora nossa vizinha; 1.500\$ de casal francês dos arrabaldes de Coimbra;

muitas mãos abertas na minha aldeia.

Agora é Coimbra: 100\$ em carta, 100\$ a vendedor, 1.500\$ do Amigo da 1.ª hora, Banco Totta e Açores, Banco Borges e Irmão, tudo o que vão levar à Casa do Castelo, as cartinhas de C. A., mimos no Reis & Simões, 620\$ e o vendedor em festa da Secretaria dos C. T. T., 250\$ do Auto-Industrial, 1.200\$ do Salão Azul, a lembrança da Fábrica de Curtumes, os que me encontram à porta de Santa Cruz, os que topam comigo nas ruas, os cobertores do Amigo de todos os anos, 2.000\$ em cheque, os que foram ao nosso Lar, os que vieram a nossa Casa, os Casais de Santa Maria. Todos têm lugar na nossa vida e todos nos são precisos.

Padre Horácio

gar, já não digo a despesa total, mas na proporção em que vai recebendo. À medida que ele progride na aprendizagem, os patrões vão aumentando os ordenados. É um estímulo. Podemos dizer que alguns ordenados são meramente simbólicos, mas compreendemos que muitas vezes o Rapaz não só não dá rendimento, mas até danifica os materiais que lhe são entregues para confeccionar. Temos ainda outros Rapazes que em nada colaboram, a não ser com pequenas tarefas que vão desempenhando. Para cobrir as despesas destes, não contamos com subsídios oficiais (nunca recebemos um centavo), mas contamos com a generosidade daqueles que ainda acreditam na validade das obras particulares de Assistência.

Padre Duarte

O nosso Jornal

«Alertado pela epígrafe «O nosso jornal» de 1 de Fevereiro do corrente, acorro satisfazer um dever que se me impõe. Não que tivesse em mente já mais pagar, que o mesmo seria abandonar a contribuição moral para com uma Obra excepcionalmente humanística. Simplesmente esquecimento. Que não devia existir. Mas os afazeres do dia-a-dia promoveram-no. Acordara, porém. E sigo na «procissão» dos de cara levantada perante vós.

Fere, sensibillisticamente, haver quem se proponha assinar o «Famoso» como princípio de aliança comunitária, ajudando, e não cumpria. Fere, haver quem encha a boca com a Casa do Gaiato, propale aos quatro ventos uma crença fundamental em tão edificante pilar de cristandade e não pague o que deve. Fere, quem se disponha colaborar em campanhas de assinantes para um maior empreendimento de «fudos» e aparentemente é recebido — sim... sim... sim... — e humanamente voltam as costas, continuando hipocritamente enchendo a boca com a validade e grandiosidade da incomensurável Obra daquele que fora no mundo um HOMEM e que sempre detestara a corrupta mentira. Falo assim porque também vítima duma pestilenta manobra.

A consciência e a atitude dos nossos actos devem permanecer pela vida fora como lampejo de exemplo humano, para que frutifique sempre, mais e melhor! Se tal não acontecer, nada somos, nada valem. Brincar com coisas sérias, só de perversidade. E ela é tanta, tanta, que a própria Humanidade não consegue ocultar.»

Nesta hora são muitos a falar na defesa do Povo.

É número de todos os programas e não há discurso que deixe de tocar este tema. É ponto forte que faz levantar a voz e sublinhar com salva de palmas, ou gesto largo, afirmações de apoio, ou defesa. Concordamos sem reservas.

Apesar disto continuam a passar pelas nossas mãos casos flagrantes que precisam de ajuda. A dificuldade que tive em colocar a Lena, em lugar adequado aos males de que sofre, não se justifica depois dos apregoados amores pelo Povo. O mesmo posso afirmar do rapaz da Ponte. E como explicar o caso da mulherzinha, sem tino e sem meios, que ficou completamente só neste mundo? Os que deram conta, avisaram e foi preciso andar de «chapéu na mão», munir-se de «cunhas» e «acenar com promessas de responsabilidade» para que fosse recebida. E nestas andanças se vão os poucos donativos que daqui ou dali nos chegam para «o que mais precisar».

Sabemos de decretos e leis que protegem as viúvas, os inválidos e têm em conta as pessoas da terceira idade. São, todavia, indicadas tais condições e apertos de malhas que uma grande percentagem de casos fica de fora. E aqui está a razão porque em Janeiro foi preciso dar 500\$00 para inscrever na Casa do Povo uma senhora com 83 anos e que teve de arranjar mais 200\$00. E aqui está a razão porque uma viúva

Lar Operário em LAMEGO

com mais de 70 anos e sem qualquer recurso, tem de se entregar a trabalhos não compatíveis com a sua idade. E aqui está a razão porque um homem vindo de França com falta de saúde, deseja agora voltar ao seio da família que ficou lá, mas anda a mendigar donativos para juntar mil e tal escudos para o regresso. Já lhe prometemos ir à agência de viagens comprar o bilhete.

Lembramos ainda as centenas de escudos que é preciso conseguir para manter aberto

o Lar de S. Domingos, onde vive uma dúzia de Rapazes, filhos do Povo. É certo que eles colaboram com as férias que vão recebendo, mas o donativo maior é de 800\$00 mensais e é só um que os entrega. Esperamos que, em breve, mais dois possam fazer o mesmo, pois já começaram a receber maior ordenado. A família não se exige, porque é pobre, mas parece-nos que é educativo para o Rapaz que ele se habitue a trabalhar, a receber a recompensa do seu trabalho e a pa-

Venho do Porto. No Lar, 19 estudantes de dia e 2 da noite. Mais 2, há pouco regressados de África, querem: um continuar Engenharia; o outro concluir o 5.º ano. O ambiente é tenso e de dissipação.

Falam-me no «ano-zero»..., que se diz ir ser decretado o «ano zero». «Ano zero» — informam-me — é o cancelamento do presente ano lectivo.

Eu não sei nada. Oiço e penso se, assim, vale a pena ter uma lareira acesa na cidade e uma vintena de adolescentes e jovens a perder seu tempo e, pior ainda, qualidades de tra-

Ano escolar

balho. Eles foram para se valorizar, para se construir. Terminado o Ciclo Preparatório, manifestada a vontade de proseguirem estudos, ajuizadas as suas possibilidades para tal — foram. E agora — que valorização? que construção? Que pensarão eles amanhã, desta geração adulta? Como julgarão a Autoridade? Um País pobre como este joga um ano escolar à nulidade, se não legal, de facto. São pensamentos dolorosos que me afloram.

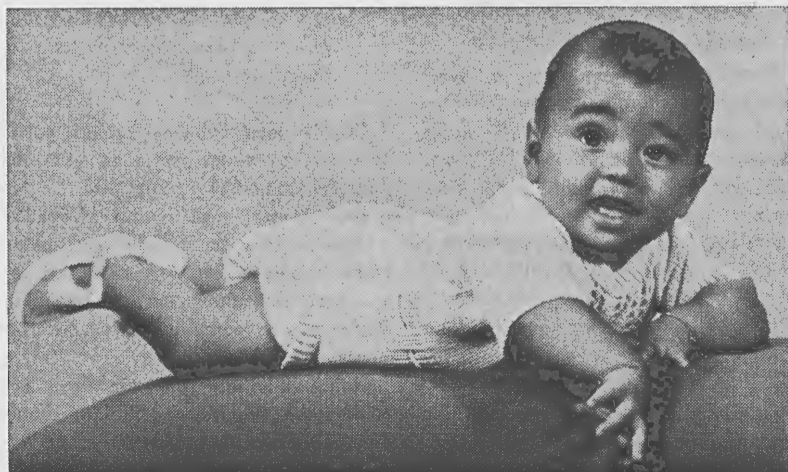
O Ministério — dizem os jornais — está firme: marcar-se-ão faltas. Mas vão sofrer por igual os que não querem aulas e os que não podem ir? Onde a liberdade? Que é do respeito por ela? No Liceu de Matosinhos — volto aos jornais — um escrutínio secreto deu maioria aos que queriam aulas. E

nos outros, como se manifesta a vontade das pessoas? O medo é uma realidade demasiado presente na vida nacional. Debitam-se palavras erectas em lugar-comum, ora com um sentido, ora em contra-sentido. É o reino do equívoco, neste pequeno mundo onde o verbo esclarecer aparece inflacionário, mas sem conteúdo.

«Ano zero» — não. Salve-se o que se pode salvar: Escolas Primárias, Telescola, Ensino Técnico... Mas decida-se sobre o que não tenha salvação. As perspectivas económicas não são brilhantes. Entre estudantes sem escola e trabalhadores pela subsistência do Povo, não vejo que hesitar. Vem aí a sementeira das batatas... e as outras sementeiras.

Padre Carlos

A família cresce



O filho do «Mineiro», de Benguela.



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa